

Movimentando a cultura da cidade

As aulas em cursos pré-vestibulares fizeram de Sergius Gonzaga um professor e agitador cultural conhecido em Porto Alegre. No final de 1977, ele participou da criação do pré-vestibular Unificado ao lado do irmão Régis Gonzaga e de outros professores que haviam deixado o curso Mauá. “A ideia era fundar um cursinho diferente”, recorda. Nos primeiros anos, procurou construir um espaço em que os estudantes pudessem ter contato com temas que não cabiam nas aulas regulares.

A iniciativa recebeu o nome de Projeto Cultural Unificado. A programação previa palestras e a exibição de um filme por semana. As sessões aconteciam aos sábados no antigo Cine Coral, na rua 24 de Outubro. Depois das exibições, o público permanecia para a conversa. “Também trazíamos, quando possível, os diretores para o debate.” Quando os realizadores não podiam comparecer, professores e convidados conduziam a discussão. Foi nesse período que Sergius conheceu cineastas como Cacá Diegues, Fábio Barreto e Arnaldo Jabor.

Em outras ocasiões, os convidados falavam sobre economia, literatura, história, cinema e os

rumos da abertura democrática. A lista mencionada por Sergius inclui Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Carlos Prestes, Darcy Ribeiro, Bibi Ferreira, Henfil, Jaguar, Tarso de Castro e Paulinho da Viola.

Em uma dessas atividades, no início dos anos 1980, o tema foi a tortura durante a ditadura. “Foi muito marcante”, recorda. Sergius convidou Índio Vargas, que havia sido torturado pela ditadura militar, e Jarbas Lima, político ligado à Arena. Segundo ele, Lima se declarou contrário à tortura durante o encontro, realizado diante de um público numeroso.

O período final da ditadura facilitava a participação de algumas dessas personalidades. “Era uma época muito fácil de arrumar palestrante, porque, como ainda havia censura, como ainda havia, digamos assim, formas de repressão na imprensa, então às vezes eles não tinham espaço. Então, era um lugar em que eles poderiam falar”, avalia.

Uma das histórias mais lembradas por Gonzaga envolve Fernando Sabino. Os dois se encontraram por acaso na Feira do Livro. Sergius não conhecia pessoalmente o escritor, mas contou



Sergius Gonzaga foi um dos criadores do curso pré-vestibular Unificado

que daria, naquela mesma noite, uma aula sobre sua obra, então incluída entre as leituras do vestibular. “Eu vou junto”, respondeu Sabino.

Antes de entrar na sala, o escritor fez um pedido. “Deixa que eu dou minha aula, mas me apresenta como um crítico literário do Rio de Janeiro.” Ninguém o reconheceu. Diante dos estudantes,

Sabino começou a atacar a própria obra: “Esse Fernando Sabino eu conheço bem. É um vagabundo, copia livros de outros autores.” Um aluno que conhecia os livros levantou-se para contestar o visitante. Gonzaga então interrompeu a encenação. “Eles não acreditaram, acharam que era uma montagem, era uma mentira”, recorda.

Para ele, a reação dizia muito

sobre aquele período: “Foi uma experiência muito interessante, porque os jovens estavam muito curiosos, ávidos por informação e conhecimento.”

O interesse dos alunos também levou Gonzaga a abrir uma pequena livraria chamada Quarup. Instalada na Praça Dom Feliciano, a loja era voltada principalmente ao público jovem. “Tinha como característica vender livros para este público juvenil que queria coleção *Primeiros Passos*, coleção *Tudo é História*.” Ele também viajava a Buenos Aires e Montevideu para trazer obras de autores hispano-americanos. A livraria durou cerca de dois anos, mas se transformou em ponto de encontro. “Ali tive frequentadores ilustres. Júlio Conte era o meu cliente permanente”, recorda.

No mesmo período, Sergius criou o jornal cultural *Já*. A publicação pretendia estabelecer um diálogo com a produção intelectual da América Latina e chegou a receber colaborações estrangeiras. “O Galeano nos mandou uns dois, três artigos.” O jornal depois passou para Elmar Bones, e se tornou um periódico voltado à cobertura de Porto Alegre. Mais tarde, no início dos anos 1990, ainda foi um dos professores que fundou o agora tradicional Colégio Leonardo da Vinci. Ao avaliar, não esconde o orgulho: “Acho que foi uma experiência radicalmente positiva”.

O gestor entra em cena

A carreira universitária na Ufrgs incluiu uma experiência de dez anos na Editora da instituição. Gonzaga afirma ter participado da publicação de aproximadamente 280 títulos, entre edições e reedições. “Para uma editora universitária é muito. Dá uma média de quase 30 livros por ano.”

Entre as obras, menciona um livro de Moacyr Scliar sobre história da medicina e títulos de Nelson Werneck Sodré. “Era um general marxista, uma coisa meio... Só no Brasil. E era um grande historiador”, comenta. Também negociou uma publicação com Mario Benedetti, a quem visitou em Montevideu. O projeto foi autorizado, mas não concluído.

Em 2005, o então prefeito José Fogaça convidou-o para assumir a Secretaria Municipal da Cultura. Gonzaga permaneceu no cargo durante as administrações de Fogaça e José Fortunati, até 2012.

“Eu tinha sido amigo dele. Ele ganhou e eu fui lá. Primeiro eu não queria”, recorda. Antes de aceitar, apresentou uma condição: queria liberdade para trabalhar com artistas e intelectuais ligados a outros partidos. “Como é que eu faço com pessoas que eu admiro e que são militantes do PT na área cultural? Eu quero fazer show com o Bebeto Alves, eu quero fazer show com o Totonho Villeroy, com o Nelson Coelho de Castro”, diz. A resposta de Fogaça foi positiva. Para Gonzaga, essa liberdade foi decisiva.

Na Secretaria, transportou à administração municipal a experiência em salas de aula, editoras e projetos culturais. Reconhece que não realizava o trabalho sozinho. “Eu tinha uma subsecretária, uma equipe de primeira linha”, aponta.

A intensidade também aparece na escrita. Sergius conta que sua tese sobre o *boom* latino-americano recebeu três propostas de

publicação, mas ainda não chegou às livrarias. O perfeccionismo se manifesta na reescrita. “Eu sei que escrevo bem, porque aprendi a custo, porque eu escrevo dez, vinte, trinta vezes a mesma coisa.”

Em 2023, Sergius deixou as salas da Ufrgs. Afirma que foi atingido pela aposentadoria compulsória e não quis permanecer. Mas a saída não encerrou sua atuação cultural. Cursos, palestras, festivais e projetos continuaram colocando-o diante de autores e públicos.

Agora, perto dos 80 anos, que completa em 2027, é a própria trajetória que começa a ser tratada como um livro possível. “A minha esposa já falou com o meu filho, Pedro, para fazer um livro”, conta. A ideia ainda lhe causa desconforto. “Pode ser até falsa modéstia, mas sou uma pessoa que não fala muito das minhas coisas. Me sinto desconfortável com qualquer tipo de elogio”, afirma.

Para ler Sergius Gonzaga

Uma seleção de livros escritos ou organizados por Sergius Gonzaga, reunindo crítica literária, crônica, ensaio e antologias



► **Curso de Literatura Brasileira (autoria - Leitura XXI, 7ª edição revista):** Um panorama de cinco séculos de literatura brasileira, com apresentação de períodos, autores e obras centrais.

► **Josué Guimarães: escrever é um ato de amor (autoria - Instituto Estadual do Livro - 2ª edição, 2006):** Um volume dedicado à trajetória e à obra do escritor gaúcho Josué Guimarães.

► **Cronistas do Câmera 2 (com Luiz Coronel e Voltaire Schilling - Tchê, 1989):** Reunião de crônicas produzidas para o programa Câmera 2, da TV Guaíba.

► **RS: Cultura & Ideologia (organização com José Hildebrando Dacanal - Mercado Aberto, 1980):** Coletânea de ensaios sobre a formação cultural e as construções ideológicas do Rio Grande do Sul.

► **Contos do Amor Jovem (organização e seleção com João Armando Nicotti e Pedro Gonzaga - Leitura XXI, 2003 - 2ª edição, 2006):** Antologia que reúne autores brasileiros e estrangeiros em torno das diferentes manifestações do amor juvenil.

► **Contos da Vida Social (organização e seleção com João Armando Nicotti e Pedro Gonzaga - Leitura XXI, 2005):** Antologia de narrativas sobre conflitos, dilemas e contradições da vida em sociedade.



Rafael Gloria é jornalista, mestre em comunicação (Ufrgs), mestrando em Escrita Criativa (Pucrs) e diretor executivo da Associação Cultural Nonada Jornalismo